

Êxodo não reflete explosão demográfica

FOTOS: CARLOS MOURA



Carvalho: taxa de crescimento cai

O professor José Alberto Magno de Carvalho, representante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-Cedeplar) no Fórum Nacional sobre Migração, descartou a existência de uma explosão demográfica, “apregoadá por todos e que não é real”. Segundo ele, não há mais explosão demográfica no País e a taxa de crescimento anual da população tem apresentado uma curva descendente. “A própria previsão do IBGE de que chegaríamos ao ano 2000 com uma população de 200 milhões de habitantes já está furada. A expectativa é de que a população fique em torno dos 170 milhões de habitantes”.

De acordo com o professor Magno, a taxa de crescimento anual do País caiu de três por cento na década passada para aproximadamente 1,7 por cento nos dias atuais. “A tendência é que essa taxa caia ainda mais e se estabilize rapidamente em um por cento ao ano”, projetou ele. Para o professor, este dado tem que ser levado em conta quando se discute a migração no País. “É preciso que todos entendam que o que há é uma grande concentração populacional com perdas sensíveis para a área rural e municípios, além de graves transtornos para os grandes centros urbanos”.

Em sua palestra, Magno disse que a queda da fecundidade no Brasil foi um fenômeno demográfico bastante rápido,

mas previsto pelos técnicos que estudam esta área. “Demógrafos de todo o Brasil têm falado constantemente sobre a queda do crescimento vegetativo da população brasileira, sem encontrar ressonância junto às autoridades”, contou. Segundo as observações do professor, 70 por cento das mulheres casadas utilizam métodos anticoncepcionais. “O crescimento vegetativo já não existe mais, mas parte da elite não quer acreditar nisso. Fala-se ainda em programa de controle de natalidade para conter a migração, quando as duas coisas não têm mais relação significativa”, desabafou Magno.

O professor atribuiu a queda da taxa de crescimento do País aos métodos anticoncepcionais utilizados atualmente pe-

las mulheres e ao agravamento da crise econômica que, segundo ele, inibe a procriação. “Mesmo entre as classes mais baixas da população, onde a taxa de crescimento ainda é representativa, a tendência é de queda do índice”. Segundo ele, o grosso das mulheres brasileiras ainda nasceram antes do período de queda da fecundidade. “A tendência, portanto, é que essas mulheres, mais esclarecidas, contribuam para maior redução da taxa de crescimento vegetativo”.

Magno considerou em sua palestra que os anos 80 foram um período totalmente perdido no que se refere ao debate da migração interna. “Isso aconteceu por falta de vontade política, quando, paradoxalmente, o Censo de 1980 foi o

mais completo em termos de dados sobre migração”. Na década de 80, segundo o professor, aproximadamente 19 milhões de pessoas participaram de correntes migratórias em todo o País. “Essa movimentação representou 40 por cento de crescimento da população das dez maiores cidades do Brasil”.

Ele acredita que melhores perspectivas no quadro migratório só acontecerão quando houver uma solução para os problemas regionais, especialmente no Nordeste. “As pessoas continuam saindo de regiões mais pobres em direção das grandes cidades atrás de emprego. Só resolveremos isto quando for implantado, de fato, no Brasil, um projeto nacional com políticas de desenvolvimento regional”, analisou ele.

Censo — Segundo o professor Magno, os questionários do Censo 1991 serão extremamente ricos em informações sobre a migração interna no País. “A partir destes dados poderemos fazer uma análise mais profunda do processo migratório nos últimos cinco anos. O Censo vai permitir a comparação das características da população dos principais centros urbanos de hoje até cinco anos atrás.